

O 18 Brumário de Sarney

Octávio Thyrso de Andrade

A longa lista de acidentes de percurso do presidencialismo brasileiro, elaborada pelo deputado Cunha Bueno, foi acrescida de mais uma vicissitude. Aos 12 estados-de sítio, 17 atos institucionais, 6 dissoluções do Congresso, 19 rebeliões militares, 2 renúncias presidenciais, 3 presidentes impedidos de tomar posse, 4 presidentes depostos, 6 constituições diferentes, 2 longos períodos ditatoriais e "um sem-número de cassações, banimentos, exílios, intervenções nos sindicatos, universidades e censura à imprensa" veio somar-se o golpe de 22 de março de 88, certamente um dos mais onerosos da história republicana: o 18 Brumário de José Sarney.

O deplorável, no episódio, é a covardia da maioria da Constituinte diante das pressões de remanescentes do arbítrio totalitário e a desfaçatez do grupo que embolsou os trinta dinheiros esparzidos pelos fisiólogos oficiais para assegurar a permanência do corrupto regime atual. Além de 46 canais de rádio e televisão doados a correligionários de Sarney, o *Jornal da Tarde* informa-nos que, via Caixa Econômica Federal, essa grande estatal da jogatina, o Executivo canalizou quase dez milhões de cruzados, cerca de 86 milhões de dólares, a cidades e Estados cujos governantes se enfeudaram ao Alvorada. A pusilanimidade deuse em espetáculo na atitude dos que se haviam proposto à defesa do sistema parlamentar. Ao suporem ouvir silvos de urutus, abaixaram o tom da voz na hora da luta, abreviaram argumentos, amedrontados com prováveis represálias dos vitoriosos a eles próprios ou à respectiva parentela, geralmente bem empregada ou partícipe de negócios fáceis.

Agora a propaganda oficial propala que só neste momento o governo pode começar a governar. Anda-se a espalhar às claras e a instilar subliminarmente na opinião pública a noção de que todas as dificuldades atuais são resultantes das atividades dos representantes eleitos. A manobra é facilitada pela circunstância de o projeto de Constituição em elaboração ser efetivamente uma choldra. Mas isto não deve impedir-nos de desmascará-la. O governo não governou até agora porque é incompetente e se rendeu à demagogia populista. Funaro, Bresser e outros que tais não integraram gabinetes parlamentares. Saíram do bolso do colete do presidente Sarney e do presidencialista Ulysses — eles todos responsáveis pela política inflacionária e eleitoreira que fez da administração pública a mixórdia atual. A esses politiquinhos ataroucados e desorientados deve-se o cruzado haver caído ao nível ao qual Herman Goering pretendia abaixar o franco francês após a vitória da blitz-krieg: "O franco não precisa valer mais do que um determinado papel destinado a certo uso..." (Fred Kupfermann. "Laval". Pág. 329).

Ante o exposto é hora de saber se o parlamentarismo poderia instaurar-se sobre o Congresso que temos. A resposta é afirmativa. Não há dúvida de que o parlamentarismo restaurado corresponderia ao nível intelectual médio dos atuais deputados e senadores. Longe estaria de ser plenamente satisfatório, bem o sabemos. Mas os senhores presidencialistas que nos respondam: — o nível do Executivo é melhor? Não! É pior! A exposição cotidiana do gabinete à crítica parlamentar e à sociedade, em geral, a pouco e pouco, em lapsos de tempo cada vez mais curtos, aumentaria a possibilidade de atuação dos melhores. O joio separar-se-ia inevitavelmente do trigo... Ao ser praticada é que a democracia se aperfeiçoa. O regime parlamentar é exercício incessante de persuasão democrática. O presidencialismo ibero-americano, por sua vez, após o relâmpago nem sempre totalmente democrático do dia da eleição, instante fugaz, mergulha na noite quinquenal ou quadrienal do autoritarismo ostensivo ou larvado, durante a qual trafegam à solta, impunes, ladrões e apadrinhados.

Não fiquemos só em divagações teóricas, porém. Tratemos de dar nomes aos bois. Se houvésemos assistido à derrota do golpe de 22 de março, viríamos a ter um gabinete parlamentar

no qual preponderaria o PMDB, isto é, o partido do calote generalizado. Mas o tempo de vida no poder do descerebrado grupo seria inevitavelmente menor do que o expendido pelo moratório Funaro na Fazenda. A assembléia refletiria imediatamente as ruinosas conseqüências da obtusa política e operaria correção de rumo em período mais curto do que o consumido por Sarney para vir de Funaro e Bresser à moderada ortodoxia do sr. Maílson da Nóbrega, a qual, aliás, o presidencialismo populista não dará muito tempo de vida...

A brevidade ocasional de gabinetes parlamentares é apontada como inconveniência do parlamentarismo quando, em verdade, é uma das suas grandes virtudes. A circunstância de haver regimes democráticos parlamentares nos quais o Ministério tem longa permanência no poder é expressiva, por sua vez, do acordo da Nação com os governantes. A durabilidade excepcional na posição de primeiro-ministro da extraordinária estadista moderna que é a sra. Margaret Thatcher, expressa o assentimento da maioria dos ingleses à política do Partido Conservador. A busca de um gabinete estável por parte dos italianos comprova, por sua vez, que o parlamentarismo faculta a incessante perquirição democrática sem abalos sociais e lesão ao progresso do país. Temo-nos presente que os italianos lutam contra os implacáveis terroristas das Brigadas Vermelhas, enfrentam a Máfia e trouxeram o país à companhia das nações mais progressistas da Europa sem recorrerem a estados de sítio, censura à imprensa e submeterem o povo ao flagelo dos "pacotes" econômicos.

O golpe de 22 de março foi facilitado devido ao sr. Ulysses Guimarães ser totalmente incompetente para criar alternativa válida ao presidencialismo. No grupo dos presidencialistas honrados — há muitos deles, evidentemente — o temor de ver o Brasil rendido ao inaceitável "clube da cachaça de péra" levou-os, no momento da votação, a ver apenas a árvore e a esquecer a floresta... A atitude equivocada baseou-se, provavelmente, na convicção de que, antes de julgar-se um homem por seus atos, tem-se idéia dele pelos que o freqüentam. Os conservadores em questão com certeza se lembraram da expressão popular francesa segundo a qual "qui se ressemble, s'assemble". Mas olvidaram que o provérbio também é aplicável ao presidente da República.

Não deixemos passar em branca nuvem, ao fim destas notas, o apoio do PDT e do PT ao golpe de 22 de março. Ambos os partidos citados são de essência incuravelmente ditatorial. O primeiro é o partido de Brizola, caudilho retrógrado em busca de poder para tornar-se novo Getúlio, igualmente enfadonho, desidioso e matreiro. O segundo é a agremiação política mais nitidamente fascista da atualidade brasileira. Ao apontar adversários à execração pública — divulgando o nome e o retrato deles em cartazes insultuosos — o PT exercita-se no assassínio moral antes de poder praticá-lo fisicamente. Nas greves e movimentos de massa em que atua — as invasões no campo, por exemplo — o PT exhibe as táticas das SS e Gestapo que instalará no País se conquistar o poder. Ao tempo da votação da reacionaríssima e obtusa legislação sobre informática, o PT aliou-se aos militares xiltas que a patrocinaram. Não perdeu a oportunidade que lhe ofereceram agora de dar novamente o braço aos totalitários.

Antes de concluir os comentários sobre o novo regime, no qual "os Zé Lourenço darão ordens", anotemos que muitos industriais e grandes firmas de prestação de serviço exultaram com o êxito do golpe. Não é surpreendente o comportamento. Uns exploram o consumidor local, à sombra de indecorosos protecionismos. Outros estão infectados de estatismo, como é notório. Mas o campo, onde a atividade empresarial é realmente alicerçada na livre iniciativa, permaneceu incontaminado. Honra à UDR e ao sr. Ronaldo Caiado por não haverem apoiado o golpe de 22 de março.

Octávio Thyrso de Andrade é jornalista